

ASPECTOS HISTÓRICOS DA MISOGINIA: MULHERES, O NEGATIVO DA HUMANIDADE NOS SÉCULOS X À XIII

INSAURRIAGA, Mariana Mirapalheta ¹; Prof. Dra. JARDIM, Rejane Barreto ²

¹Graduanda do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Pelotas.
mari.h.88@hotmail.com

² Departamento de História e Antropologia - ICH; Universidade Federal de Pelotas.
rejane.jardim@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

Para o desenvolvimento deste trabalho foram utilizados conceitos de teóricos da Igreja como Santo Agostinho, e também de historiadores como José Rivair Macedo (medievalista brasileiro) e o francês George Dubby.

A referida pesquisa tem como propósito imediato refletir sobre alguns aspectos do papel social das mulheres na Idade Média. Assim, demonstrar as relações de imposição efetuadas pela Igreja nos parece útil. Pois está ocupava um papel central na sociedade, instruindo como os indivíduos deveriam se portar, principalmente, as mulheres. Elas foram consideradas a perdição dos homens e deveriam ser vigiadas de perto. No entanto, mesmo sabendo que as mulheres na Idade Média haviam sido condicionadas a um comportamento de forte submissão, onde quase não existiam leis que as protegesse, podemos afirmar que não foi à Idade Média que criou essa desigualdade dicotômica entre homem/mulher. Assim nesse contexto, segundo José Rivair Macedo não foram os medievos que inventaram as desigualdades entre os sexos, este hábito nos leva às sociedades organizadas e hierarquizadas, às génesis das civilizações. (RIVAIR, 2002)

Sempre que pensamos em Idade Média nos reportamos aos filósofos franceses, que taxaram essa época de “Idade das Trevas”, e que afirmavam que nada de importante e substancial havia sido feito ou criado. Nesse âmbito encontramos as ideias de filósofos como Denis Diderot (1713 a 1784). Ele expressava opiniões preconceituosas em relação a esse período, afirmando que a Idade Média seria um espaço de tempo vazio. Como exemplo destes preconceitos, afirmava: “sem religião seríamos um pouco mais felizes”, pois este momento da história era dominado pelos dogmas e éticas do cristianismo. (Citado em: JÚNIOR, Hilário Franco 2001, p.10)

No entanto, o momento foi de sentimentos muito fortes para com as mulheres, ora elas eram adoradas, ora eram odiadas. Se nos remetermos aos pensamentos dos pais da Igreja, vamos observar uma forte aversão a elas. Assim, elas eram consideradas a parte fraca na relação homem/mulher e era por intermédio delas que os homens se desviavam do caminho do bem. Nesse caso, foi através das passagens do livro do Génesis que percebemos a visão de Eva como a pecadora e culpada por incitar Adão a pecar. Ela foi tentada pela serpente e arrastou o seu companheiro ao pecado, por conta deste ocorrido recebeu a parte mais severa da maldição de Jeová: Darás a luz a teus filhos na dor. (DUBY, Georges; PERROT, Michelle, 1990) Já no século III podemos analisar nas palavras de Tertuliano o quanto os cristãos repudiavam o sexo feminino. Assim ele afirmava: “tu és a porta do diabo, tu consentiste na sua árvore, fostes a primeira a desertar da lei divina”. (RIVAIR, 2002, p. 68)

Na Idade Média na sua grande maioria, quem detinha o saber eram os clérigos, monges, e sacerdotes. Nestes ficava a responsabilidade de pensar a humanidade, a sociedade e a Igreja. Por isso, eram preparados para seguir a vida religiosa dentro dos preceitos atribuídos pela Igreja. Ademais, sobretudo antes do século XIII, esses homens religiosos se distanciaram das mulheres, pois viviam enclausurados dentro das escolas de teologia, das universidades e dos mosteiros aonde se preservavam para o celibato. Muitos meninos eram oferecidos ainda criança a mosteiros para se prepararem para a vida monástica. Esses homens que eram letrados e escreviam sobre as mulheres não tinham contato com elas, pois a religião os exigia o celibato. Assim, a sociedade foi escrita e feita pelo sexo masculino, nesse caso homens inexperientes condenavam as mulheres, porém não as conheciam.

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

Para a elaboração deste texto foram feitas diversas leituras sobre o tema aqui exposto. Neste contexto histórico nos baseamos primordialmente em duas leituras aonde centramos a base de nossa pesquisa, primeiramente nosso enfoque recaiu no livro *História das Mulheres: A Idade Média*, aonde utilizamos vários artigos que o compõem, incluindo, *Olhares de Clérigos* de Jacques Dalarun, *A Ordem Feudal (séculos XI – XII)* de Paulette L’Hermite-Leclercq, *Depoimentos, Testemunhos e Confissões* de Georges Duby, e em seguida utilizamos o livro *A Mulher na Idade Média*, do historiador medievalista José Rivair Macedo.

A pesquisa partiu de uma revisão bibliográfica bastante esclarecedora sobre o assunto, a partir da qual tentamos observar o conceito que os clérigos tinham sobre as mulheres dessa época. No entanto, aqui neste momento da pesquisa vamos fazer um recorte e nos dedicar à visão dada pelo cristianismo.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Podemos pensar inicialmente após a observação da sociedade medieval dos séculos X ao XIII, que como um todo não dava valor para o sexo feminino, mas em maior escala podemos ver uma misógina nas manifestações de religiosos da Igreja Cristã Ocidental. Estes tinham verdadeiro pavor das mulheres, pois, para eles, desde a criação a mulher é sempre inferior ao homem, apresentada ao mundo como a corrompida que os leva para o pecado. Muitos pensadores medievais, como por exemplo, Santo Agostinho tinham uma impressão negativa do segundo sexo. Em suas palavras ele nos deixa muito claro sua negação: “O homem deveria ser governado apenas pela sabedoria divina. A mulher, ao contrário, deveria ser governada pelo homem, tal qual o corpo pela alma, a razão viril dominando a parte animal do ser.” (RIVAIR, 2002, pp. 66 e 67) O corpo das mulheres era associado ao pecado da carne. Para os religiosos elas enfeitiçavam todos os homens, por isso, no início da idade média os clérigos eram aconselhados a ficarem longe das mulheres, mas não eram proibidos de manter relações sexuais com elas e sim sugestionados a ficarem distantes. No entanto, foi só com as reformas gregorianas que se instituiu a proibição do casamento para os religiosos. Assim, muitos foram para mosteiros levar uma vida de reclusão e castidade.

Nesse contexto da metade do século XI, O Papa Gregório VII (1073 a 1085) criou as reformas Gregorianas, para que assim, houvesse uma regressão à pureza espiritual, tentando, através dessa conduta, modelar o comportamento tanto dos

clérigos, quanto dos leigos. No entanto, uma das suas mais expressivas ordenações foi a proibição do casamento para os padres e bispos, que assim passariam a experimentar os mesmos costumes dos monges, que viviam a realidade do celibato. Com isso, eles seriam regidos pelos direitos canônicos, uma forma de controle exercida pela Igreja. Entre outras normas, as reformas davam um formato novo às relações de casamento, instituindo as uniões monogâmicas entre os casais. (DUBY, Georges; PERROT, Michelle, 1990)

A visão negativa imposta às mulheres pelos religiosos é severa, e eles buscam a todo o momento através de seus sermões e diálogos alertar os homens contra as tentações que estas poderiam exercer sobre eles. Claramente percebemos isso nas palavras de Rogério de Caen: “Pastores afastai dos nossos rebanhos as lobas rapaces¹, [...] mas também desviar todos os outros clérigos da mulher tentadora: bispos nicolaítas, estudantes demasiados curiosos, padres giróvagos² em busca de experiências novas.” (Citado em: DUBY, Georges; PERROT, Michelle, 1990, p. 39) Assim, durante muito tempo as mulheres foram consideradas a parte corrompida da sociedade, tudo de ruim lhe era atribuído.

O corpo era uma tentação para os homens, e eles deveriam ficar longe para que assim não sucumbisse perante essa criatura que anima os desejos mais obscuros e os enfeitiça. Nas relações sexuais a mulher não poderia manifestar nenhum desejo e o homem deveria copular com ela deitada de bruços. Muitos religiosos alertavam que as relações sexuais não poderiam ser feitas aos domingos nem em dias santos e principalmente nos dias em que estas estivessem menstruadas.

O ato sexual era visto pela Igreja com uma única função: procriar, e os casais deveriam evitar as relações sexuais somente por desejo e luxúria. Foi a partir dos séculos XI e XII, com as reformas gregorianas, que a Igreja passou a assumir o casamento entre leigos como forma de perpetuar a raça humana, mas proibiu peremptoriamente laços de união entre religiosos. Ao transformar o casamento em uma cerimônia religiosa, a Igreja tinha muitos objetivos e dois importantes são: acabar com a prática do concubinato e abolir os costumes que levavam ao incesto. Com isso, a Igreja se tornou detentora e protetora do casamento, nesse caso as uniões deveriam respeitar as normas cristãs. Nas palavras de um bispo germânico do século XII, Buchard de Worms, percebemos claramente a estranheza que os homens tinham para com as mulheres: “as mulheres são por sua natureza, pérfidas, frívolas, luxuriosas, impulsionadas para a fornicção”. (RIVAIR, 2002, p. 26)

No entanto, essa visão pessimista sobre as mulheres só foi amenizando quando elas passaram a ser comparada a Virgem Maria. Pois, está registrado na bíblia que Maria deu a luz a seu filho, e manteve-se casta/pura. Assim, quem melhor poderia expressar os valores cristãos? Maria se apresenta como uma figura exemplar, aquela a que todos devem observar. Mãe de Cristo, e de todo o gênero humano, se manteve virgem, mesmo depois de gerar seu filho.

4 CONCLUSÃO

Concluimos com a pesquisa que as mulheres parecem ter sido preteridas e seus principais opressores eram os homens da Igreja, pois estes ditaram as principais normas que iriam reger aquela sociedade por muito tempo.

¹ Ávido em apresar. Rápido.

² Religioso errante e mendicante; que vive de mosteiro em mosteiro sem ter paradeiro fixo, seu sustento adquire através das esmolas recebidas.

Nesse período a Igreja propôs três modelos de mulher: as casadas; as viúvas; e as virgens. As virgens seriam aquelas mais acolhidas pelo discurso clerical, haja vista que, a condenação dos prazeres da carne realizada pelo discurso hegemônico do clero, aconselhava a prática da virgindade e da castidade, verdadeiras obsessões no medievo, claro, no meio clerical.

5 REFERÊNCIAS

DUBY, Georges; PERROT, Michelle, (Org.). *História das Mulheres: A Idade Média*. Porto: Afrontamento, 1990.

JÚNIOR, Hilário Franco. *A Idade Média: Nascimento do Ocidente*. 2ª. Ed. Ver. e Ampl. São Paulo: Brasiliense, 2001.

MACEDO, José Rivair. *A mulher na Idade Média*. 5ª edição. São Paulo: Contexto, 2002.

PILOSU, Mario. *A Mulher, a luxúria e a Igreja na Idade Média*. Lisboa: Editorial Estampa, 1995.